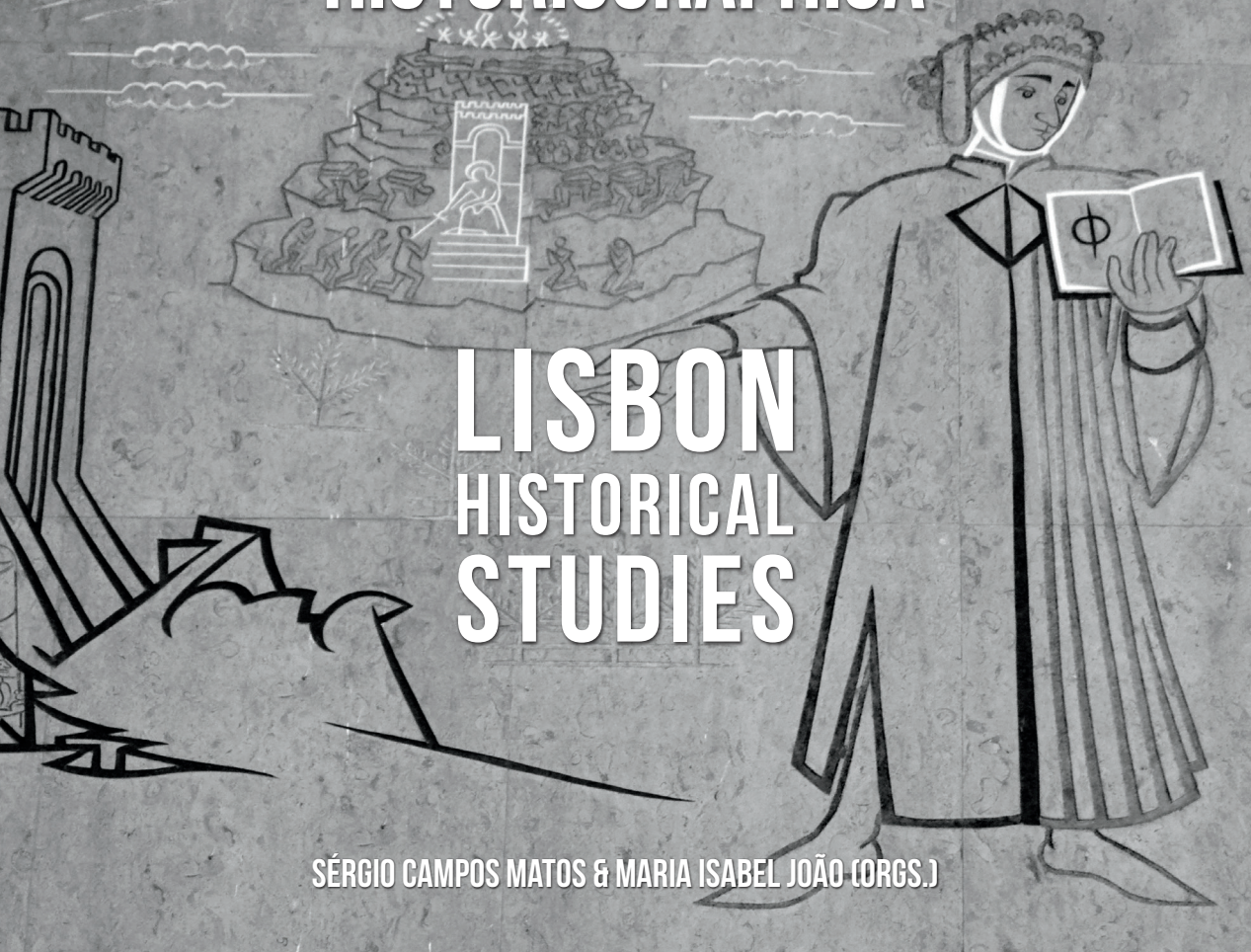


HISTORIOGRAPHICA



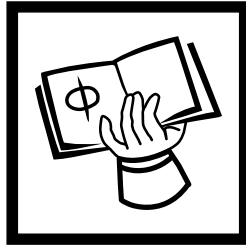
LISBON HISTORICAL STUDIES

SÉRGIO CAMPOS MATOS & MARIA ISABEL JOÃO (ORGS.)

HISTORIOGRAFIA E *RES PUBLICA*

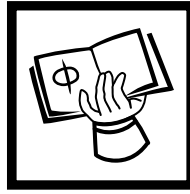


CENTRO DE HISTÓRIA DA UNIVERSIDADE DE LISBOA



HISTORIOGRAPHICA

LISBON
HISTORICAL
STUDIES



HISTORIOGRAPHICA
LISBON
HISTORICAL
STUDIES

HISTORIOGRAFIA E *RES PUBLICA* NOS DOIS ÚLTIMOS SÉCULOS

Sérgio Campos Matos & Maria Isabel João (orgs.)

CH
CENTRO DE HISTÓRIA

CEMRI  **UAb**
CENTRO DE ESTUDOS DAS
MIGRAÇÕES E DAS
RELAÇÕES INTERCULTURAIS
UNIVERSIDADE ABERTA

Lisboa

Centro de História da Universidade de Lisboa
Centro de Estudos das Migrações e das Relações Interculturais da Universidade Aberta

2017

**Título | Title**

Historiografia e *Res Publica*
Nos dois últimos séculos

Direcção da Colecção | Series Editors

Sérgio Campos Matos & Covadonga Valdaliso

Organização | Organisation

Sérgio Campos Matos & Maria Isabel João

Editor | Editor

Sérgio Campos Matos

Assistentes de Edição | Editorial Assistants

Gonçalo Matos Ramos, Ricardo de Brito

Comissão Editorial | Editorial Board

Luís Filipe Barreto, Valdeí Araújo

Capa | Frontcover

Detalhe da representação da Divina Comédia de Dante Alighieri. Almada Negreiros, 1961. Pórtico da entrada da Faculdade de Letras. Arte parietal, gravuras incisas coloridas sobre parede revestida a cantaria de calcário, Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa. Fotografia de Armando Norte.

Frontispício | Frontispiece

Detalhe de Cabeça Mecânica (O Espírito da Nossa Era). Raoul Hausmann, c. 1920. Montagem. Paris, Musée National d'Art Moderne, Centre Pompidou.

Contra-capas | Backcover

Musa (Clio?) lendo um volumem. Pintor de Klügmann, c. 435-425 BCE (Beócia?). Lekythos, cerâmica ática de figuras vermelhas, Museu do Louvre, CA 220.

Historiografia – História Contemporânea – Memória | 930(469) MAT.S

Editora | Publisher

Centro de História da Universidade de Lisboa & Centro de Estudos das Migrações e das Relações Interculturais da Universidade Aberta | 2017

Concepção Gráfica | Graphic Design

Bruno Fernandes

Impressão Gráfica | Printing Shop

Sersilto-Empresa Gráfica Lda.

ISBN 978-989-8068-22-4

Tiragem 300 exemplares

P.V.P. 15,00€

Centro de História da Universidade de Lisboa | Centre for History of the University of Lisbon
Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa | School of Arts and Humanities of the University of Lisbon
Cidade Universitária - Alameda da Universidade, 1600-214 LISBOA / PORTUGAL
Tel.: (+351) 21 792 00 00 (Extension: 11610) | Fax: (+351) 21 796 00 63
URL: <http://www.centrodehistoria-flul.com>



This work is funded by national funds through FCT – Foundation for Science and Technology, under project UID/HIS/04311/2013 and project PEST-OE/SADG/UID289/2014.

This work is licensed under the Creative Commons Attribution-NonCommercial 4.0 International License. To view a copy of this license, visit <http://creativecommons.org/licenses/by-nc/4.0/> or send a letter to Creative Commons, PO Box 1866, Mountain View, CA 94042, USA. Copyright for authors and editors remain as reserved according to the aforementioned license and complying with the FCT directive "Política sobre Acesso Aberto a Publicações Científicas resultantes de Projectos de I&D Financiadas pela FCT (05/05/2014)".



ÍNDICE

- 11 SOBRE A ESCRITA DA HISTÓRIA NOS DOIS ÚLTIMOS SÉCULOS
Sérgio Campos Matos e Maria Isabel João

25 I - HISTÓRIA, TEMPO, CIDADANIA

- 27 O HISTORIADOR NA CIDADE: HISTÓRIA E POLÍTICA
Fernando Catroga
- 89 HISTOIRE GLOBALE, HISTOIRE NATIONALE?
COMMENT RÉCONCILIER RECHERCHE ET PÉDAGOGIE
Christophe Charle
- 115 AS FORMAS DO PRESENTE.
ENSAIO SOBRE O TEMPO E A ESCRITA DA HISTÓRIA
Temístocles Cezar
- 131 CONTINUIDADES E RUPTURAS HISTORIOGRÁFICAS:
O CASO PORTUGUÊS NUM CONTEXTO PENINSULAR (C.1834 - C.1940)
Sérgio Campos Matos

161 II - DIRECÇÕES DE ESTUDO

- 163 MODERNIZAÇÃO E BLOQUEIOS:
PROBLEMAS DO DESENVOLVIMENTO ECONÓMICO
NA MEMÓRIA HISTÓRICA
José Luís Cardoso
- 183 A HISTÓRIA SOCIAL EM PORTUGAL (1779-1974)
ESBOÇO DE UM ITINERÁRIO DE PESQUISA
Nuno Gonçalo Monteiro
- 203 ESPIRITUALIDADE E RELIGIÕES:
UNIVERSOS DE MOTIVAÇÃO E DE CRENÇA
António Matos Ferreira

217 AS MIGRAÇÕES NA HISTORIOGRAFIA PORTUGUESA (1779-1974)
Jorge Fernandes Alves

241 O IMPÉRIO E AS SUAS METAMORFOSES NA HISTORIOGRAFIA
Diogo Ramada Curto

253 A HISTORIOGRAFIA NO ÂMBITO DOS ESTUDOS REGIONAIS
Maria Isabel João

283 III - PERIODISMO E HISTÓRIA

285 HISTÓRIA, OPINIÃO PÚBLICA E PERIODISMO
José Augusto dos Santos Alves

309 DIVULGAR O CONHECIMENTO HISTÓRICO
AS PUBLICAÇÕES COLECTIVAS DA ACL SOB O LIBERALISMO (1820-1851)
Daniel Estudante Protásio

337 O CONTRIBUTO D' O PANORAMA NA DIVULGAÇÃO HISTÓRICA
EM PORTUGAL NO SÉCULO XIX (1837-68)
Ricardo de Brito

355 DIFERENTES CONCEPÇÕES DE HISTÓRIA NA VÉRTICE
DURANTE O ESTADO NOVO (1942-1974)
José de Sousa

375 OS ARQUIVOS DO CENTRO CULTURAL PORTUGUÊS (1969-1993):
UMA "COLECTÂNEA ERUDITA" AO SERVIÇO DA HISTÓRIA
Andreia da Silva Almeida

403 A HISTÓRIA DE PORTUGAL NA SEARA NOVA:
A BUSCA NO TEMPO PASSADO PARA A CONSTRUÇÃO
DE UM PRETENDIDO FUTURO
Joaquim Romero Magalhães



II - DIRECÇÕES DE ESTUDO

A HISTORIOGRAFIA NO ÂMBITO DOS ESTUDOS REGIONAIS

Maria Isabel João

Universidade Aberta, Centro de Estudo das Migrações e das Relações Interculturais

Introdução

A reflexão que vou apresentar sobre os estudos regionais e a historiografia surge no contexto da preparação de uma entrada para o *Dicionário de Historiadores Portugueses*, a qual deve abranger o período que medeia entre a fundação da Academia das Ciências e o final do Estado Novo (1779-1974).

Sobre a questão dos estudos regionais e da história local há abordagens mais gerais e introdutórias sobre os problemas metodológicos, como a de Luís Reis Torgal (1987), J. Amado Mendes (1990, alargado em 2000), Jorge Borges de Macedo (1993), de António Oliveira (1995 e 2000) e José Viriato Capela (1995), mas os trabalhos que pretendem fazer uma história da história são poucos e, em geral, de âmbito também regional ou abrangendo um período cronológico mais limitado.

Compreende-se: o levantamento de fontes e a sua análise é um trabalho vastíssimo e requer a constituição de uma equipa que utilize os recursos informáticos para se poder realizar um estudo abrangente que nos permita estabelecer: (i) uma tipologia e um quadro diacrónico das transformações e mudanças verificadas no período considerado; (ii) as condições de produção e de publicação dos textos (artigos ou obras de maior vulto); (iii) a caracterização sociológica dos produtores das histórias regionais e locais; (iv) as relações entre estas abordagens de escala espacial mais reduzida e a história nacional ou mesmo transnacional. Esse será um desafio para o futuro.

Hoje a nossa ambição é mais limitada e procuraremos analisar como é que nesse domínio da produção historiográfica, num período de quase 200 anos (1779-1974), a história foi ganhando uma dimensão própria, com o recurso às fontes primárias e aos métodos críticos, sem deixar de dialogar com as outras ciências sociais, em particular a geografia humana e a etnografia/antropologia. Em causa vão estar os problemas da delimitação espacial e do desenvolvimento deste ramo da história que tem tido as suas dinâmicas próprias, sem deixar de reflectir o que se passa no contexto mais geral.

Conceitos e escalas espaciais

Na abordagem do tema em apreço, não se pode deixar de operar com um conceito amplo de historiografia, entendido como a arte de narrar o passado e de construir a memória dos grupos humanos que são o sujeito dele. Neste caso, é da história e da memória relativa a espaços infranacionais que se trata. O espaço mais amplo é a região (do latim, *regio*) e refere-se a uma área delimitada segundo critérios que podem ser muito variáveis. Os debates sobre a divisão regional são infundáveis e envolvem os especialistas, mormente geógrafos e economistas, mas sobretudo mobilizam fortes interesses políticos no centro do poder e nas periferias. No que à história regional diz respeito, geralmente a antiga divisão provincial é aquela que se revela mais conforme com este tipo de estudos. Nos *Subsídios para a bibliografia da história local portuguesa* (1933), o arquivista da Biblioteca Nacional, A.

Mesquita de Figueiredo, organiza a apresentação das publicações por seis províncias: Entre-Douro-e-Minho, Trás-os-Montes, Beiras, Estremadura, Alentejo e Algarve. Os arquipélagos dos Açores e da Madeira não foram incluídos no plano da obra. Dentro de cada província, apresenta as “monografias locais” por ordem alfabética das povoações.

Não é por acaso que esta obra está assim organizada. A congénere anterior, escrita por Brito Aranha para a exposição de Paris de 1900, faz uma apresentação mais descritiva, tomando como referência as cidades, as vilas e lugares, os monumentos, as instituições, os usos e costumes, etc. Nesse contexto, algumas publicações que se referem a determinadas províncias são indicadas, sobressaindo de imediato o Algarve e o Alentejo. A província não é esquecida, mas não estrutura a apresentação da obra. A mudança que se verificou, entretanto, foi a emergência do regionalismo no debate político e cultural, sobretudo nos anos 20 e 30. De tal modo que na Constituição de 1933 as províncias ganham o estatuto de autarquias, o que lhes viria a ser retirado na revisão de 1959¹. A província não sobrevive no aspeto político-administrativo e, de um ponto de vista da produção historiográfica, apesar de estarem presentes nas bibliografias indicadas, o grosso da produção dos estudiosos é do foro mais local do que regional.

Como refere L. Fernández Prieto, “o espazo de análise histórica é sempre um território para a lexitimación: local, comarcal, rexional, nacional, estatal, europeo...”². Ora, as províncias pelo facto de não serem entidades com uma expressão político-administrativa que se tivesse enraizado no território português não conseguiram suscitar a atenção que foi transferida para os concelhos e para o municipalismo. Uma tradição que remonta ao próprio A. Herculano, como é sobejamente conhecido. Nos arquipélagos, foi a ilha que mais mobilizou o interesse dos estudiosos, apesar dos concelhos e das outras circunscrições administrativas não serem esquecidas. Por sua vez, o distrito também não concitava o entusiasmo dos investigadores, tratando-se de uma unidade administrativa geralmente considerada

1 F. Catroga, «Geografia e política. A querela da divisão provincial na I República e no Estado Novo», In Fernando Taveira da Fonseca – *O poder local em tempo de globalização. Uma história e um futuro*. Coimbra: Imprensa da Universidade, 2005, p. 205 e 236.

2 L. Fernández Prieto, «Historia local, nacional e transnacional» In *Maia. História Regional e local*. I. Actas do Congresso. Maia: Câmara Municipal da Maia, 1999, p. 102.

artificial, mais um braço do poder central nas regiões do que uma realidade com significado para a identificação das populações. Finalmente, na base da escala espacial estão os territórios mais diminutos, as paróquias, posteriormente designadas freguesias, as cidades e vilas, os lugares. O local refere-se a uma parte delimitada de um território mais vasto que tem de ser construído enquanto objecto de estudo. O mesmo se pode dizer de outras escalas de análise espacial, cujo significado histórico-cultural depende, naturalmente, de factores emocionais, de laços afectivos que se tecem através da relação com esse território e com a sua gente.

A demonstração do que acabamos de afirmar pode verificar-se através de uma pesquisa simples na base de dados da bibliografia nacional (Porbase). Constata-se o reduzido número de registos de história das províncias portuguesas, apreendidas na sua globalidade como unidades territoriais e humanas com características diferenciadas. Neste quadro geral destacam-se o Algarve, os Açores e a Madeira, por razões históricas, com um número mais significativo de títulos, na ordem das centenas. No caso dos arquipélagos atlânticos foi determinante o facto de se terem tornado regiões autónomas, em 1976, e de ter havido um investimento dos governos regionais, por via das secretarias e direcções dos assuntos culturais, na publicação de obras com interesse para as regiões, nomeadamente de um ponto de vista da construção da memória e da identidade. No contexto nacional, excepto no curto período em que vigoraram as Juntas Provinciais, sempre houve escasso apoio a este tipo de edições e a inexistência de arquivos de âmbito provincial também não facilita o trabalho dos investigadores, o que os conduz para escalas de análise de menor dimensão. Contudo, apesar de existência dos arquivos distritais, uma parte deles criados no período da I República, ainda nas primeiras décadas do século XX, uma pesquisa com as palavras-chave história e distrito no título só retorna meia centena de registos, enquanto é cinco vezes superior para o concelho. É claro que o seu número também é muito superior e que nem todos os concelhos têm uma monografia que narre os principais acontecimentos da sua história. Seria necessário proceder a um levantamento exaustivo para se perceber a cobertura do país em termos de estudos históricos locais e regionais, sendo certo que ela é muito desigual, com as principais sedes de distritos e de concelhos do litoral português e das ilhas a concentrar a maior atenção dos estudiosos. Na base da escala das circunscrições

administrativas, as juntas de freguesia não se destacam pelo número de publicações registadas na Porbase, apesar do seu número ser superior a três milhares antes da última reorganização do respectivo mapa. A maior parte dos registos é posterior a 1974 e é frequente que o editor seja a própria Junta de Freguesia. Tal realidade evidencia a importância dos poderes locais como factor de estímulo e de apoio a este género de estudos e publicações.

Outras áreas que aparecem nos estudos locais são as circunscrições eclesiásticas, desde logo a paróquia que foi objecto de inquéritos no século XIX e é hoje central nos estudos demográficos, mas também a diocese e a abadia. As comarcas também dão lugar a alguns trabalhos, mas a sua importância no caso português não se compara com o que assume nos estudos locais em Espanha e, nomeadamente, na Galiza, onde “hay decenas de monografias históricas sobre comarcas y las parroquias y ninguna, hasta uma época bien reciente, sobre los municipios”³. Ramón Barreiros enfatiza na definição de história local duas componentes: a territorialidade e a comunidade integrada no território. Neste sentido, não se trata somente de considerar uma circunscrição administrativa ou uma área geográfica determinada, mas de ter em atenção que o local é um “*elemento orgánico de sociabilidad*”⁴.

Em suma, para se perceber a forma como a história regional e local tem sido feita, como se vai distinguindo da massa dos estudos sobre as áreas espaciais infranacionais e se constitui como um pilar importante das construções identitárias das diferentes comunidades territoriais é necessário operar com um conceito lato de historiografia, situando-se numa zona de fronteira entre a história e a memória. Além disso, de um ponto de vista espacial, são várias as escalas que enformam os estudos, mas a maior parte deles refere-se a espaços vividos, espaços de sociabilidade e de proximidade entre as populações que têm neles as suas raízes e vivências. Por isso, neste género historiográfico tiveram sempre um papel muito importante curiosos, amadores e figuras das elites cultas locais que se distinguiam na vida pública das suas regiões.

3 Xosé Ramón Barreiros. «Historiografía de la historia local gallega». In Joseba Agirreazkuenega, Mikel Urquijo (ed.) - *Perspectivas de historia local: Galicia y Portugal*. Bilbao: Servicio Editorial Universidad del País Vasco, 1996, p. 53.

4 *Idem, ibidem*.

Linhas de desenvolvimento no século XIX

Podemos remontar os estudos regionais e o interesse pela história local ao século XVI. Basta recordar as *Saudades da Terra*, de Gaspar Frutuoso, a *Descrição da cidade de Lisboa*, de Damião de Góis, ou a *História da Antiguidade da cidade de Évora*, de mestre André de Resende. Contudo, foi no século XVIII que, sob o influxo do desenvolvimento das academias, a atenção ao estudo das regiões e localidades se começou a desenvolver. Na base desse interesse estiveram factores políticos e culturais. Os primeiros prendiam-se com o conhecimento do território e das suas gentes que era fundamental para o Estado moderno poder constituir-se e operar sobre todo o país, o que propiciou o desenvolvimento das corografias, das topografias, da “estadística”, de descrições e memórias que permitiam ir conhecendo o reino⁵. Os segundos relacionavam-se com o contexto cultural do humanismo e do iluminismo que desencadeou um interesse novo pelo desenvolvimento do conhecimento nos vários ramos do saber e, em particular, em tudo que se referia à vida das nações e das suas várias partes, ao passado e às próprias origens. Deste modo, a Academia Real de História (1720) patrocinou várias topografias e pelo menos uma *Historia de Santarem*, de Ignacio da Piedade e Vasconcelos (1740, 2 tomos). A Academia Real das Ciências (1779) não deixou de contemplar nas várias memórias que foram publicadas – económicas, da agricultura e históricas – diferentes regiões e terras de Portugal.

Nas primeiras décadas do século XIX, num contexto particularmente adverso devido às invasões francesas e às guerras civis, a abordagem corográfica, estatística e topográfica mantém grande importância no quadro dos estudos regionais, o que se irá prolongar ao longo da centúria. Podemos referir como exemplo desse tipo de estudos a publicação a *Memoria estadística sobre o concelho de Lafões*, de Joaquim Baptista (1823) ou a *Corografia ou memoria economica, estadística, e topografica do reino do Algarve*, João Baptista da Silva Lopes (1841). Contudo, a história e a geografia vão permeando mais esses estudos e enriquecendo-os com novos elementos. Um bom exemplo disso é a obra de Henriques Seco, professor da Universidade de

5 J. Romero Magalhães e Manuel Lopes de Almeida - *As descrições geográficas de Portugal: 1500-1650: esboço de problemas*. Separata da Revista de História Económica e Social, 1980.

Coimbra, *Memoria historico-chorographica dos diversos concellos do districto administrativo de Coimbra* (1853). Algumas dessas obras assumem a forma de dicionário, seguindo o exemplo do padre Luís Cardoso, *Diccionario geografico, ou noticia historica de todas as cidades, villas, lugares, e aldeas, rios, ribeiras, e serras dos Reynos de Portugal, e Algarve, com todas as cousas raras, que nelles se encontraõ, assim antigas, como modernas* (1747-1751). Entre todas podemos referir o *Portugal antigo e moderno: diccionario geographico, estatistico, chorographico, heraldico, archeologico, historico, biographico e etymologico de todas as cidades, villas e freguezias de Portugal e de grande numero de aldeias*, de Augusto Soares d’Azevedo Barbosa de Pinho Leal (1873-1890). Nos Açores, Gabriel de Almeida publicou, já para o final do século, o *Diccionario historico-geographico dos Açores* (1893).

Além das descrições mais ou menos minuciosas do território de tipo corográfico e geográfico, com apontamentos históricos, um género que teve uma extraordinária fortuna e que podemos dizer que domina o panorama das publicações sobre as regiões e as localidades são os relatos de pendor literário que tiveram nas *Viagens na minha terra*, de Almeida Garrett, uma fonte de inspiração (1846). O olhar para a diversidade das paisagens e da gente, o pitoresco e os edifícios e monumentos pontuam essas narrativas, por vezes bastante ligeiras, que não descuram também a nota sobre as antiguidades locais e o registo histórico. Este tipo de obras desenvolveu-se com o progresso dos transportes e comunicações, sobretudo com o caminho-de-ferro, e com o turismo, dando origem aos guias e roteiros de Portugal e das diversas regiões. Alguns exemplares sugestivos: *Cintra pinturesca, ou memoria descriptiva da Villa de Cintra, Collares, e seus arredores....*, do visconde de Juromenha (1838); *O Minho pittoresco*, de José Augusto Vieira (1886); a coleção *Portugal Pittoresco e Illustrado*, de Alfredo Mesquita, onde se destaca Lisboa, com quatrocentas gravuras (1903); os vários trabalhos de Alberto Pimentel, nomeadamente o guia do viajante na cidade do Porto e seus arrabaldes (1877) e *O Porto por fora e por dentro* (1878). Em 1924, a Biblioteca Nacional publicou o *Guia de Portugal*, dirigido por Raul Proença, posteriormente prosseguido pela Fundação Calouste Gulbenkian, que é um monumento do género histórico-geográfico e descritivo do país⁶.

6 *Guia de Portugal* – Lisboa: Oficinas Gráficas da Biblioteca Nacional de Lisboa e outras. 1924-1970. 5 vols em 8 tomos. Edição abundantemente ilustrada com mapas, plantas e gravuras e com a colaboração por alguns dos mais relevantes nomes da literatura portuguesa: Miguel Torga, Jorge Dias, Aquilino Ribeiro, Jaime Cortesão, Reynaldo dos Santos, Diogo de Macedo, Teixeira de Pascoais, Vitorino Nemésio, Raul Brandão, Amorim

Outro tipo de estudos assume um carácter mais histórico e de repositório de factos relevantes para as memórias locais, compilando informação de diversa índole sobre os sucessos, as figuras, o património, em especial os monumentos artísticos e religiosos, a que se juntavam lendas e narrativas diversas. Numa primeira fase, a base documental desses escritos é rudimentar e baseiam-se muito nas observações e nos testemunhos, em registos que a memória de alguns notáveis locais e as populações foram conservando ao longo de gerações. Os arquivos públicos eram raros, mal apetrechados e ainda pior organizados. Além disso, as ferramentas metodológicas e críticas dos estudiosos revelam-se parcas e a penetração de ideias que valorizavam as fontes e o trabalho arquivístico aturado, minucioso, defendidas com veemência por A. Herculano e por outros autores eruditos antes dele, não encontravam condições para se expandir entre os cultores da história local. De certo modo representativas desse tipo de história são as obras do olissipógrafo Júlio de Castilho (1840-1919) sobre *Lisboa Antiga* (Bairro Alto – 1879; Bairros Orientais – 1884-1890).

Porém, o caminho vai sendo feito no sentido de uma história mais objetiva e a publicação dos *Portugaliae Monumenta Historica* (1º vol., 1856) não só traz documentos com interesse para a história local, mas também dá um bom exemplo neste tipo de publicações. A obra dirigida por A. Herculano vem na linha de trabalhos de académicos eruditos que pugnaram pela salvaguarda e divulgação dos documentos, como Bernardino J. de Sena Freitas que tinha publicado uma *Collecção de memorias e documentos para a historia do Algarve* (1846) e foi depois incumbido pela Academia Real das Ciências de organizar os arquivos nas ilhas de S. Miguel e Terceira. Na sequência desse trabalho deu à estampa uma *Memoria Historica sobre o Intentado Descobrimto de uma Suposta Ilha ao Norte da Terceira nos anos de 1649 e 1770, com muitas notas illustrativas e documentos ineditos* (1845). A valorização dos documentos aprofundou-se ainda com a divulgação em Portugal das correntes historiográficas da chamada “escola metódica” ou “positiva” e, por isso, no último quartel do século XIX surgiram valiosas colectâneas documentais e histórias locais com preocupação crítica e de objectividade.

Girão, Ferreira de Castro, Egas Moniz, Aarão de Lacerda, José Rodrigues Miguéis, Montalvão Machado, Afonso Lopes Vieira, António Sérgio entre outros.

A coleção tem a seguinte organização: 1º volume — Lisboa e Arredores; 2º volume — Estremadura, Alentejo e Algarve; 3º volume — Beira Litoral, Beira Baixa e Beira Alta (2 tomos); 4º volume — Entre Douro e Minho (2 tomos); 5º volume — Trás-os-Montes e Alto Douro (2 tomos). Os três primeiros volumes foram publicados pela Biblioteca Nacional e os restantes pela Fundação Calouste Gulbenkian.

Entre as publicações documentais refira-se o *Arquivo dos Açores* (12 vol, 1878-1892), dirigido por Ernesto do Canto e publicado em fascículos, os *Documentos históricos da cidade de Évora* (1885-1891), organizados pelo arquivista Gabriel Pereira, e os *Elementos para a história do município de Lisboa* (15 vol., 1882-1911), efectuados por Eduardo Freire de Oliveira que também desempenhava o mesmo ofício na Câmara Municipal. No domínio dos estudos pode destacar-se: *Viana do Castelo: Esboço histórico* (1878), de Luís de Figueiredo da Guerra, onde combina o conhecimento de autores clássicos, com o conhecimento de crónicas e tratados medievais e modernos e o domínio de documentos epigráficos, arqueológicos e documentais, existentes em cartórios e arquivos públicos e privados⁷. No ano anterior, Alberto Pimentel publicara a *Memoria sobre a historia e administração do Município de Setúbal* (1877), que reúne variadíssima informação sobre a cidade e o concelho, com um valioso suporte documental. Também exemplar deste tipo de trabalhos mais eruditos e fundados nas fontes históricas são os *Estudos Eborenses*, de Gabriel Pereira, publicados em fascículos temáticos entre 1884-1894.

O século XIX distingue-se, por conseguinte, pela expansão dos estudos históricos e, no caso em apreço, pela valorização da história regional e local. Diversos autores, entre os quais dois nomes cimeiros da cultura oitocentista, A. Herculano e Oliveira Martins, tinham defendido em momentos distintos que o desenvolvimento da história local era fundamental para se poder fazer a história nacional. O último escreveu no prefácio a uma obra sobre Oliveira do Hospital⁸:

“Considerarei sempre que um dos subsídios principaes para a historia geral do paiz consiste nas monographias locaes, onde se estuda a arqueologia e a historia, as biografias e as tradições, com os documentos á vista e á mão dos archivros municipaes e particulares.”

Refere a propósito a portaria de 8 de novembro de 1847⁹ que tinha instado

7 Armando da Silva – O Minho nas Monografias (sécs. XIX-XX). Notas para uma revisão sistemática dos estudos locais. *Bracara Augusta. Revista Cultural de Regionalismo e História da Câmara Municipal de Braga*, n.º. 94-95, 1991/92, p. 30.

8 Adelino de Abreu - *Oliveira do Hospital: traços histórico-críticos*. Coimbra: Imprensa da Universidade, 1893.

9 *Vide* portaria em Armando da Silva – O Minho nas Monografias (sécs. XIX-XX). Notas para uma revisão sistemática dos estudos locais. *Bracara Augusta. Revista Cultural de Regionalismo e História da Câmara Municipal de*

as Câmaras Municipais a manter um registo anual dos principais acontecimentos da vida do concelho, “cuja memoria seja digna de conservar-se”, devendo para o efeito nomear uma comissão composta por vereadores ou vogais do Conselho Municipal mais aptos. Em tempos de elevados níveis de analfabetismo, os resultados foram modestos e o abade de Tagilde refere que somente conhece onze concelhos onde alguns trabalhos se fizeram na sequência dessa providência governamental¹⁰. Nos Açores, a obra *Anais do Município das Lajes das Flores*, iniciada por João Augusto da Silveira e continuada pelo neto homónimo, é um exemplo desse tipo de trabalhos¹¹. O próprio Oliveira Martins, no prefácio referido, citou a propósito a obra do padre António de Macedo e Silva, *Annaes do município de Sanct-Yago de Cassem desde remotas eras até ao anno de 1853* (1866), como exemplo de uma publicação produzida na sequência dessa medida do governo.

Também na Universidade de Coimbra o professor José Frederico Laranjo propunha aos seus alunos que fizessem a história dos concelhos, segundo um esquema que contemplava capítulos sobre as origens e o desenvolvimento, a população, as indústrias, a Misericórdia, confrarias e estabelecimentos de beneficência, as associações e as instituições de crédito¹². Daí resultaram pelo menos duas monografias publicadas, uma sobre o concelho de Serpa (José Maria da Graça Afreixo, 1884) e outra sobre Mesão-Frio (Álvaro Maria de Fornelos, 1886). Tudo se foi conjugando para uma ideia de monografia local que tipicamente devia englobar os múltiplos aspetos topográficos, geográficos, históricos, arqueológicos, económicos, artísticos e culturais que permitiam traçar um panorama do território e da vida da sua gente. Armando Malheiro da Silva fala de “monografia de tipo-contemporâneo”, caracterizada pela diversidade das abordagens em foco, mas também pelo “amor da terra e a apologia das suas virtudes”¹³. As obras mais bem conseguidas não dispensavam, naturalmente, a consulta de arquivos e a recolha de

Braga, n.º. 94-95, 1991/92, p. 60.

10 Cit. Augusto Santos Silva – Os lugares vistos de dentro: estudos e estudiosos locais do século XIX portugueses. *Revista Lusitana* (Nova série). 13-14, 1995, p. 70.

11 Maria Isabel João - Região, Nação e Historiografia Local: O caso dos Açores. Sérgio Campos Matos e Maria Isabel João (orgs.), *Historiografia e memórias (Séculos XIX e XXI)*. Lisboa: Centro de História da FLUL/CEMARI da UAb, 2012, p. 81.

12 Cit. P. M. Laranjo Coelho – *Vantagens do estudo das monografias locais para o conhecimento da história geral portuguesa*. Coimbra: Imprensa da Universidade, 1926, p. 15.

13 Armando da Silva – *O Minho nas Monografias (sécs. XIX-XX)*..., p. 30.

documentos para fundar as suas narrativas, no que à história dizia respeito.

Neste âmbito dos estudos regionais oitocentistas e do seu progresso nas últimas décadas do século, não se pode esquecer os trabalhos de carácter etnográfico que então tiveram uma considerável expansão e vieram a interligar-se estreitamente com a história. Podemos remontar ao interesse romântico pelo estudo das tradições e costumes dos povos que foram, posteriormente, desenvolvidos no âmbito das concepções sociológicas positivistas, com destaque para a obra de Teófilo Braga (1843-1924) sobre *O povo português nos seus costumes, crenças e tradições* (2 vols., 1885). No domínio da história da literatura foram publicadas recolhas e estudos sobre o cancionário popular e os contos tradicionais portugueses que resultavam de pesquisas feitas em diversas regiões do país. Em Lisboa, esta linha de investigação etnográfica viria a ter um grande desenvolvimento com Adolfo Coelho (1847-1919) e, sobretudo, J. Leite de Vasconcelos (1858-1941), e no norte do país com o grupo que se reuniu em torno da publicação de *Portugalia: materiaes para o estudo do povo português*, Ricardo Severo, (1869-1940), Rocha Peixoto (1866-1909) e Artur da Fonseca Cardoso (1865-1912), entre outros.

A referência aos aspectos etnográficos não era uma absoluta novidade nos estudos regionais e locais, mas ganhou um renovado interesse e profundidade no final do século XIX. O efeito conjugado do desenvolvimento destas áreas do saber e das tendências culturais da época, neo-românticas e nacionalistas, conjugou-se para que as gerações finisseculares viessem enriquecer os estudos em domínios como a etnografia, a antropologia, a filologia, a arqueologia e a história. Os frutos brotaram já no século XX. Não são também alheios, é claro, ao desenvolvimento sociocultural do país, com o lento crescimento das classes médias, o progresso da educação, a expansão da imprensa regional e local e dos meios materiais susceptíveis de contribuir para que fosse possível produzir e publicar os trabalhos realizados.

Os estudiosos locais eram muitas vezes padres, alguns bacharéis e autodidactas locais, professores, advogados, médicos, funcionários públicos, que faziam parte do restrito círculo dos notáveis das terras. Nalgumas cidades tinha sido possível criar associações e sociedades culturais com publicações periódicas, onde iam dando à estampa os estudos (Instituto de Coimbra, 1852; Sociedade Martins Sarmiento, Guimarães, 1881). As suas motivações são evidentes: o amor

da terra, isto é, um patriotismo local bem arreigado que os desafia a escrever a sua história e memórias; a reivindicação da importância e valor da região ou localidade no contexto nacional, valorizando-se, inclusive, a forma como participaram nos grandes acontecimentos da vida da nação — a restauração, a luta contra as invasões francesas, a revolução liberal, etc.; o lamento em relação à incúria dos governos e dos serviços públicos e a reclamação de melhoramentos indispensáveis para a terra, o que não deixa de aparecer em introduções e prefácios ou, na imprensa, a propósito da apresentação das obras. Os estudos regionais e locais contribuem, deste modo, para a construção de imaginários e identidades, mas também para legitimar reivindicações, propostas políticas e poderes de âmbito infranacional.

Continuidade e mudanças no século XX

A expansão dos estudos regionais e locais no século XIX justificou a elaboração de bibliografias sobre o tema. Assim, em 1900, para a exposição universal de Paris, Brito Aranha publica a primeira bibliografia das obras portuguesas que podem servir para o estudo das cidades, vilas, monumentos, instituições, tradições e costumes, etc., de Portugal Continental, das Ilhas dos Açores e da Madeira e das Possessões Ultramarinas. Eduardo da Rocha Dias continuou esse trabalho em anos posteriores (1903-06, 1908) e o funcionário da Biblioteca Nacional, António Mesquita de Figueiredo, fez um trabalho mais completo, em 1933. Contudo, ambos se circunscreveram ao território do continente português na Europa. Ao nível local, distingue-se a *Bibliotheca Açoriana*, publicada pelo incansável Ernesto do Canto, em 1890, onde se incluíam obras nacionais e estrangeiras concernentes às ilhas dos Açores.

Por outro lado, surgem também as primeiras reflexões em torno das metodologias e da organização, mais sistemática, dos estudos regionais e locais. Manuel da Silva, em 1913, na *Revista de História*, apresenta o *Schema d'história local*, numa linha de abordagem que contempla variados aspectos: a geologia, a antropologia física e o estudo das populações, a arqueologia, a etnografia, a legislação e a administração local, a estatística, a filologia, a literatura tradicional, as memórias

e notícias locais, os documentos e arquivos, e por fim os monumentos e a arte. O ideal que se persegue é de estudos muito abrangentes que poderíamos classificar de globais, não fora o facto de se tratar na verdade de estudos fragmentários, onde se coligem materiais de diversa índole sem um quadro teórico que permita a sua integração em termos compreensivos.

Mais de uma década passada, em 1925, P. M. Laranjo Coelho apresenta num congresso luso-espanhol a sua análise sobre as *Vantagens do estudo das monografias locais para o conhecimento da história geral portuguesa* e incentiva os estudiosos a desenvolverem este tipo de investigação. A propósito traça um roteiro breve do desenvolvimento desse género de trabalhos em Portugal e propõe o seu próprio plano que deve abranger “os factos essenciais para o estudo de uma localidade nos seus aspectos geo-físico, histórico, económico e social.”¹⁴ Encontramos nele a mesma ambição global, agora com uma sistematização e um desenvolvimento mais elaborado. A geografia, a demografia, a etnografia, a arqueologia e a história, nas suas várias dimensões económica, político-administrativa, artística e cultural, combinam-se para traçar um quadro geral das regiões e localidades. Em 1934, numas lições proferidas na Academia das Ciências, voltaria ao mesmo assunto, mostrando inclusive estar a par do que em França se fazia neste domínio¹⁵.

A preocupação com a recolha de informação para o conhecimento mais aprofundado da realidade do país tinha levado o ministro das obras públicas, comércio e indústria, António Alfredo Barjona de Freitas, a lançar um concurso anual de monografias das freguesias rurais, em 1909. O relatório em que o apresenta é explícito quanto aos objetivos que o orientam. Trata-se, afinal, de iniciar o tão necessário inquérito à vida económica e social da nação portuguesa a partir da unidade administrativa mais pequena e homogénea, com uma larga tradição histórica, que é a freguesia rural. No mesmo ano, a universidade de Coimbra convidou o sociólogo Léon Poincard para proferir conferências sobre os métodos de estudos das pequenas comunidades então usados no âmbito da ciência social em França. Daí resultaria uma publicação de divulgação do chamado “método monográfico” e uma obra de L. Poincard, *Le Portugal Inconnu*, editada no boletim da sociedade

14 Ob. Cit., p. 17-20.

15 *Monografias Locais na Literatura Histórica Portuguesa*. Lisboa: Academia das Ciências de Lisboa, 1935.

internacional de ciência social, em 1910¹⁶. Seria publicada a tradução portuguesa em 1912¹⁷. A descrição económica e a estatística demográfica já tinham, desde a segunda metade do século XIX, importância nos estudos regionais e locais, mas a abordagem sociológica e, através dela, os primeiros passos de uma história social, só no início do novo século começaram a ser seriamente considerados neste âmbito.

Na óptica da valorização dos estudos regionais e locais, das primeiras décadas do século XX, deve ainda referir-se Fidelino Figueiredo que foi um dos fundadores da Sociedade Portuguesa de Estudos Históricos (1914). Apesar de não ser um historiador e os seus interesses serem polimorfos, salientou a importância dos estudos históricos locais, chamando a atenção para a necessidade de serem publicados “volumes de documentos dos arquivos publicos e particulares, elaborados todos de acordo com um plano previamente estabelecido, quanto à maneira de extractar, de grupar e de classificar, de fazer os índices, etc.”¹⁸. Ao mesmo tempo, opina que quando houvesse suficientes estudos locais seria possível incluir nos programas do ensino primário a história da região ou da cidade ou vila da naturalidade em que a maioria da população acaba por passar a sua vida. Fidelino Figueiredo fazia parte de uma geração em que o nacionalismo se compaginava com valores regionalistas e municipalistas. Não eram vistos como opostos ou conflitantes, mas como parte do processo de construção de uma ideia da nação que não podia excluir, naturalmente, as suas várias componentes.

Ainda no campo da teoria e da metodologia é importante destacar a proposta que o professor Marcello Caetano fez aos seus estudantes da cadeira de Direito Administrativo para realizarem *Monografias sobre os Concelhos Portugueses* (Lisboa: 1935). Claramente dominado pela preocupação didáctica apresenta instruções precisas sobre o modo como deveriam ser elaborados os trabalhos para terem valor académico, destacando “o *método* e *clareza* da exposição; a *probidade* das afirmações; o *escrúpulo* na documentação.” (o *italico* é do próprio autor)¹⁹. O plano pormenorizado que

16 Sep. Bulletin de la Soc. Int. de Science Sociale, 74-75. Paris: Bureaux de la Science Sociale, 1910; 1º v.: *Paysans, marins et mineurs*; 2º v.: *L'industrie, le commerce et la vie publique*.

17 *Portugal ignorado: estudo social, economico e político seguido de um appendice relativo aos ultimos acontecimentos*. Porto: Magalhães & Moniz 1912.

18 Cit. Armando da Silva – *O Minho nas Monografias (sécs. XIX-XX)*..., p. 34.

19 Marcello Caetano. *Monografias sobre os concelhos portugueses*. Lisboa: Universidade de Lisboa, Faculdade de Direito, 1935, p. 3.

propõe desdobra-se em diversas perguntas, as quais, através de uma criteriosa consulta da documentação e dos arquivos, permitiriam gizar uma história geral do concelho e um quadro da sua vida administrativa. Não dispensa, no final, a bibliografia com a indicação dos estudos e das coleções de documentos impressos pelas Câmaras Municipais.

As bibliografias e as propostas metodológicas em relação ao estudo do local evidenciam que era sentida a necessidade de aprofundar em quantidade e em qualidade a produção deste tipo de investigações. De algum modo esse caminho foi sendo trilhado, se bem que de forma hesitante e com considerável atraso em relação ao que se passava noutros países europeus. Diversos fatores podem explicar esse facto, mas a ele não é alheio o contexto político-ideológico da ditadura e do Estado Novo. Assim sendo, de modo geral, pode dizer-se que é maior a continuidade com o tipo de estudos que se faziam no período oitocentista do que a inovação durante a primeira metade do século XX.

As publicações histórico-coroográficas continuaram a merecer o interesse dos estudiosos e foi coligida mais informação proveitosa. Logo no início da centúria, assinala-se o *Novo Dicionario Corographico de Portugal Continental e Insular: continuação da lista alfabetica das freguesias do continente do reino e ilhas adjacentes* (1902), de Francisco Cardoso de Azevedo, depois aperfeiçoado e reeditado. De maior envergadura foi a publicação de Esteves Pereira e Guilherme Rodrigues, *Portugal: dicionario historico, chorographico, heraldico, biographico, bibliographico, numismatico e artistico* (1904-1915, 7 vols.), com muita informação útil para a história local. Alguns anos mais tarde ainda é publicado o *Diccionario chorographico de Portugal Continental e Insular: hydrografico, historico, orographico, biographico, archeologico, heraldico, etymologico* (1929-1949, 10 vols.), de Américo Costa.

No campo das memórias eruditas, com recurso abundante aos arquivos e fontes documentais, saliente-se a obra de Francisco Manuel Alves, mais conhecido como Abade de Baçal: *Memórias arqueológico-históricas do distrito de Bragança* (11 vols., 1909-1932). A lenta organização dos arquivos, o aperfeiçoamento dos métodos de investigação sob os auspícios da já referida “escola metódica” ou “positiva”

que, durante várias décadas, vai dominar os meios universitários portugueses²⁰ possibilitou um certo desenvolvimento de estudos de maior erudição. Contudo, continuou a faltar a publicação sistemática de fontes primárias para o conjunto das regiões do país e dos concelhos.

Nesse aspeto, distinguiram-se o Gabinete de História da Cidade do Porto, criado em 1936, com a edição regular de *Documentos e memórias para a história do Porto* e o Gabinete de Estudos Olissiponenses, fundado em 1954, que iria desempenhar idêntico papel em Lisboa. Entre os investigadores que foram publicando fontes primárias para a história local podemos referir a título de exemplo: Artur de Magalhães Basto, no caso do Porto; Maria Teresa Campos Rodrigues, para Lisboa; António Baião, em relação às fontes para a história do Algarve; António Gomes da Rocha Madaíl, a propósito das informações paroquiais setecentistas sobre Coimbra²¹ e da documentação da cidade e do concelho de Aveiro; Manuel Monteiro Velho Arruda sobre os documentos relativos ao descobrimento dos Açores. Na verdade, trata-se de um trabalho indispensável para poder ser feita a história²², apesar de o trabalho do historiador não se esgotar nisso, como referiu V. Magalhães Godinho²³.

As monografias ao modo tradicional do século XIX continuaram a ser comuns. Um exemplo sugestivo é os *Anais do município da Horta* (1943), de Marcelino Lima (1868?-1961). Funcionário público, autodidata com formação liceal e fazendo parte de um conjunto de intelectuais que enriqueceram o panorama cultural da ilha do Faial no final de oitocentos, veio a interessar-se pela história local e genealógica²⁴. Nos anais, ele faz uma história total do concelho da Horta, no contexto da ilha do Faial. Naturalmente, começa pelo descobrimento da ilha e o povoamento. Refere-se,

20 Cf. Luís Reis Torgal - Ob. Cit., p. 258.

21 *Novas pontes da história local portuguesa - as informações paroquiais da Diocese de Coimbra precedidas pela Academia Real de História em 1721*. Coimbra: Arq. e Museu de Arte, 1934.

22 No caso português, ainda em 1987, Luís Reis Torgal salientava a necessidade da recolha e publicação criteriosa de fontes, por processos científicos - "História... Que História? Algumas reflexões introdutórias à temática da história regional e local." *Revista da História das Ideias*, 9. Coimbra: Universidade de Coimbra, 1987, p. 863.

23 O autor defende que, no seu entender, a história deveria "assentar predominantemente em fontes publicadas e o ideal seria que assentasse exclusivamente, para que todos pudessem verificar as interpretações (o carácter universal da verificabilidade é imprescindível na ciência). O trabalho do historiador não termina com a leitura e transcrição da fonte, começa então (o que modo algum significa que o trabalho de ler e transcrever seja menos meritório". *Ensaio II. Sobre a História de Portugal*. 2ª ed. correta e ampliada. Lisboa: Sá da Costa, 1978, p. 92.

24 J. G. Reis Leite - "Lima, Marcelino de Almeida". *Enciclopédia Açoriana* [em linha] Governo dos Açores. Direção Regional da Cultura. Atual. 2011 [consult. 26-10-2014]. Disponível na Internet: URL < <http://www.culturacores.azores.gov.pt/ea/pesquisa/Default.aspx?id=8054>>.

de seguida, à “governança” no período moderno, referindo os donatários, capitães-mor, juizes de fora e corregedores. Depois, relata o estabelecimento do concelho e todos os aspetos relevantes da vida municipal, das finanças, administração, regulamentos e posturas, aos edifícios e múltiplas facetas da organização municipal. A cidade da Horta também merece um extenso capítulo, bem como as questões militares e políticas, destacando as figuras de maior relevo localmente. Não esquece a vida económica e social numa visão realmente abrangente e que toca uma multiplicidade de assuntos. Termina com um relato das “horas trágicas”, onde inclui incursões militares, cataclismos naturais e um levantamento popular de 1862. Neste extenso trabalho utiliza as crónicas, os estudos, os relatos da imprensa e as fontes impressas, em particular o *Arquivo dos Açores*, mas também fontes inéditas do Tombo da Câmara da Horta. De forma significativa, outro campo em que se distingue é o da genealogia, com a obra sobre *Famílias faialenses: subsídios para a história da ilha do Faial* (1922).

Um caso paradigmático de estudioso local é o micalense Urbano de Mendonça Dias (1878-1951). Formou-se em Direito em Coimbra e desempenhou diversos cargos públicos na sua ilha²⁵. De feição monárquica e regionalista, o seu amor pela terra e pela atividade literária conduziu-o para a história, a ficção e o teatro. No terreno que nos ocupa, a sua vasta obra tem um pendor histórico-etnológico, bem patente em *A Vida de nossos avós* (1944-49, 9 vols.), mas não descarta a consulta dos arquivos e as fontes primárias para construir as narrativas. A diversidade de assuntos que focou nos seus trabalhos e a preciosa informação que conseguiu coligir tornam-no realmente importante para história dos Açores e da ilha de S. Miguel²⁶. Marcelino Lima e Mendonça Dias são, afinal, representativos de um tipo de estudioso da história local que vem na continuidade da linha historiográfica

25 Margarida Vaz do Rego - “Urbano de Mendonça Dias”. *Enciclopédia Açoriana* [em linha] Governo dos Açores. Direção Regional da Cultura. Atual. 2011 [consult. 26-10-2014]. Disponível na Internet: URL < <http://www.culturacores.azores.gov.pt/ea/pesquisa/Default.aspx?id=10471> >.

26 A talhe de foice pode-se indicar: *A Vila: Publicação Histórica de Vila Franca do Campo* (6 vols., 1915-1927); *História da Instrução nos Açores* (1928); *História do Vale das Furnas* (1936); *A Assistência Pública no Distrito de Ponta Delgada: Estudo sobre as Casas de Beneficência das Ilhas de São Miguel e Santa Maria desde a sua Colonização* (1940); *Instituições Vinculares: os Morgados das Ilhas* (1941); *Ponta Delgada: Descrição de quando foi lugar e vila e da Cidade: esboço histórico* (1946); *Madre Teresa d'Anunciada: a Freira do S. S. Cristo dos Milagres* (1947); *História das Igrejas, Conventos e Ermidas Micalenses* (3 vols., 1949); *A Vida de Nossos Avós* (9 vols., 1944-1949); *Literatos dos Açores: Estudo Histórico sobre os Escritores Açorianos* (1931), entre outros. A *História dos Açores* (2 vols., 1928) fazia a síntese possível, depois das coletâneas documentais que as gerações anteriores tinham deixado como herança.

tradicional, herdada do século XIX: os temas seleccionados, as formas de tratamento do material coligido, o interesse pelas genealogias e as figuras, o pendor etnográfico de alguns textos, a preocupação com o uso de documentos e o estilo narrativo evidenciam essa filiação na história liberal e romântica, temperada pela preocupação mais erudita pela consulta dos arquivos.

Numa linha inovadora destacou-se o estudo de Alberto Sampaio (1841-1908), *As "villas" do norte de Portugal*, que foi publicado ao longo de vários fascículos na revista *Portugalia: materiaes para o estudo do povo portuguez*, dirigida por Ricardo Severo, no Porto²⁷. Profundo conhecedor do mundo dos campos minhotos, desenvolveu um estudo de história económica e social para compreender as origens da forma de ocupação do solo própria daquela região do país, da organização da sociedade e do modo de vida das populações rurais. Para o efeito, remonta ao período romano e às transformações da alta idade média que, na sua interpretação, moldaram as características fundamentais da região. Publicada no início do século XX, a obra permaneceria largo tempo como um exemplo isolado no contexto da produção historiográfica regional e local pelo pendor histórico-sociológico da abordagem e pela forma como integra ainda a geografia e a etnologia no quadro explicativo que vai tecendo sobre o povoamento e a organização do espaço rural do norte do país.

Em dois outros campos científicos, os estudos regionais foram inovadores e muito produtivos, no período em apreço: o campo da etnografia e da geografia humana. Em ambos se nota, nas melhores obras e autores, uma preocupação com a origem e as transformações históricas das realidades observadas no presente. A referência histórica aparece nos trabalhos do antropólogo Jorge Dias (1907-1973) sobre o comunitarismo agrário e os instrumentos agrícolas, mas é essencial nos estudos do geógrafo Orlando Ribeiro (1911-1997), cujo exemplo frutificou numa linha de investigação sobre "Geografia Histórica, Regional e Local" no âmbito do Centro de Estudos Geográficos, da Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, fundado por ele no início dos anos 40²⁸. Refira-se a propósito os trabalhos

27 *As "villas" do norte de Portugal: estudo sobre as origens e estabelecimento da propriedade*. Sep. de Portugalia: materiais para o estudo do povo português, Tomo I. Porto: Imprensa Moderna, 1903. Sobre a obra ver: Manuela Martins - "As vilas do norte de Portugal" de Alberto Sampaio. Importância da obra no estudo do povoamento antigo. *Revista de Guimarães*, n.º 102, 1992, pp. 389-409.

28 José Tengarrinha - "Historiografia dos estudos históricos locais". In *Perspectivas de historia local: Galicia y Portugal*. Joseba Agirreazkuenaga, Mikel Urquijo (eds.). Bilbao: Universidad del País Vasco, 1996, p. 38

de Raquel Soeiro de Brito, de António de Brum Ferreira e de Carlos Alberto Medeiros, dedicados a várias ilhas dos Açores²⁹. No que ao continente diz respeito pode citar-se o trabalho de Carminda Cavaco sobre a área oriental do Algarve e o de Maria Alfreda Cruz sobre a margem sul do estuário do Tejo³⁰. Na mesma linha interdisciplinar e histórico-geográfica prosseguiu Jorge Gaspar, nomeadamente no seu estudo sobre “Os portos fluviais do Tejo”³¹.

Nos anos 60, foram surgindo em Portugal sinais de uma renovação dos estudos históricos regionais e locais sob o influxo dos trabalhos mais especializados realizados no âmbito académico. O melhor exemplo veio de fora com o trabalho inovador de Albert Silbert sobre a história agrária das regiões da Beira Baixa e do Alentejo, apresentado na Sorbonne, em 1963, nas provas de doutoramento³². No trabalho de pesquisa o historiador francês contou com o apoio de estudiosos locais, nomeadamente de José Ribeiro Cardoso que tinha dirigido a obra *Subsídios para a história regional da Beira Baixa*, patrocinada pela Junta Provincial da Beira Baixa, e integrada no vasto acervo de publicações do Duplo Centenário³³. A história agrária e rural conheceria posteriormente, no final da década de 70 e nas décadas seguintes do século XX, um importante surto³⁴. Mas não só ela, a história em geral e, em especial, aquela que se dedica ao âmbito infranacional expandiu-se de uma forma extraordinária depois de 1974, em resultado da mudança política para a democracia e, sobretudo, fruto do desenvolvimento do ensino superior ao nível da atribuição dos graus de mestrado e de doutoramento³⁵. Não foi também alheia ao fenómeno a evolução política das autarquias locais e dos regimes autonómicos nas ilhas atlânticas

29 *A ilha de S. Miguel. Estudo geográfico* (1955), *A ilha da Graciosa* (1968), *A ilha do Corvo* (1967), respetivamente.

30 *O Algarve oriental. As vilas, o campo e o mar* (1976) e *A margem sul do estuário do Tejo. Factores e formas de organização do espaço* (1973), respetivamente.

31 *Finisterra*, vols. 5-6, Lisboa: Centro de Estudos Geográficos da Universidade de Lisboa, Instituto Nacional de Investigação Científica, 1970, p. 153-204.

32 *Le Portugal méditerranéen à la fin de "Ancien Régime"*. XVIII^e – Début du XIX^e siècle. Contribution à l'histoire agraire comparée. Paris: SEVPEN, 1966, 2 vols.

33 Castelo Branco: Junta Provincial da Beira-Baixa, 1940. Cf. Margarida Sobral Neto - “Percurso da história local portuguesa”. In *Memória e História Local*. Colóquio Internacional realizado em Idanha-a-Nova, João Marinho dos Santos e António Silveira Catana (coord.), Coimbra: Palimage, 2010, p. 60 e 62.

34 Ver: Maria Helena da Cruz Coelho, “Balço sobre a história rural produzida em Portugal nas últimas décadas”. In *A Cidade e o Campo. Colectânea de Estudos*. Coimbra: Centro de História da Sociedade e da Cultura, 2000, p. 23-40.

35 Ver: Manuel C. Teixeira - “A História Urbana em Portugal. Desenvolvimentos recentes”. *Análise Social*, vol. XXVIII (121), 1993 (2^a), p. 371-390; Isabel M. R. Mendes Drummond Braga - “Poder local e historiografia universitária sobre temáticas regionais (1974-2000)”. In *O poder local em tempo de globalização uma história e um futuro*. Fernando Taveira (coord.). Viseu: Palimage, 2005, p. 171- 192.

que disponibilizaram recursos que favoreceram a investigação e a publicação sobre a história regional e local.

Em suma, a historiografia nacional fez um caminho lento no sentido da renovação e da introdução de novas metodologias e problemáticas, sobretudo fora dos meios universitários que permaneciam avessos a mudanças. Porém, a história regional e local manteve-se muito agarrada a fórmulas tradicionais e, dadas as condições da sua produção maioritariamente por amadores e eruditos locais, só com a expansão do ensino superior e, sobretudo, com os trabalhos académicos de pós-graduação viria a beneficiar de uma significativa expansão e atualização. Importa referir que, já na década de 60, a história local tinha sido valorizada nos trabalhos finais das licenciaturas apresentados nas Faculdades de Letras, o que viria a constituir um incentivo para os licenciados, muitos dos quais professores do ensino secundário e técnicos de organismos regionais e locais, prosseguirem os estudos. A grande renovação da história regional e local viria, por conseguinte, a verificar-se nas últimas décadas do século XX, num contexto político mais favorável e no quadro da expansão do ensino superior que possibilitou a realização de provas académicas e de trabalhos com mais rigor e com ferramentas metodológicas e conceptuais mais modernas.

BIBLIOGRAFIA

PARA A HISTÓRIA DA HISTORIOGRAFIA REGIONAL E LOCAL

Repertórios de história regional e local

ARANHA, P.W. Brito - *Bibliographie des ouvrages portugais, pour servir a l'étude des villes, des villages, des monuments, des institutions, des moeurs et coutumes, etc., du Portugal, Açores, Madère et possessions d'outremer*. Lisbonne: Imprimerie Nationale, 1900.

CANTO, Ernesto do - *Bibliotheca Açoriana: noticia bibliographica das obras impressas e manuscritas nacionaes e estrangeiras, concernentes às ilhas dos Açores*, Ponta Delgada: s.n., 1890-1900.

DIAS, Eduardo da Rocha - *Monographias e outras obras referentes a varias localidades e monumentos do continente de Portugal: breve indicação*. Lisboa: Casa da Moeda, 1908.

FIGUEIREDO, A. Mesquita de - *Subsídios para a bibliografia da história Local portuguesa*. Lisboa: Biblioteca Nacional, 1933.

LAUTENSACH, Hermann (prep.); FEIO, Mariano (adaptação e complemento) – *Bibliografia geográfica de Portugal*. Lisboa: Centro Est. Geográficos. Instituto para a Alta Cultura, 1948-1982, 2 vol.

LIMA, Durval Pires de – *Bibliografia corográfica de Portugal*. (A-L e M-V), 2 tomos. Lisboa: Biblioteca Popular de Lisboa, 1962-1964 e 2 suplementos (A-J e L-V), Lisboa: Biblioteca Popular de Lisboa, 1968-69.

LOUREIRO, José Pinto – *Bibliografia Coimbrã*. Coimbra: Câmara Municipal 1964.

PEREIRA, Benjamim Enes – *Bibliografia analítica de etnografia*. Lisboa: Instituto de Alta Cultura, Centro de Estudos de Etnologia Peninsular, 1965

REPERTÓRIO BIBLIOGRÁFICO DA HISTORIOGRAFIA PORTUGUESA (1974-1994). Coimbra: Fac. de Letras de Coimbra, 1995.

Metodologias, problemas e análises críticas

- ALARCÃO, Jorge de - *Introdução ao estudo da história e do património locais*. Coimbra: Instituto de Arqueologia, Fac. de Letras, 1988.
- BRAGA, Isabel M. R. Mendes Drummond – “Poder local e historiografia universitária sobre temáticas regionais (1974-2000)”. In *O poder local em tempo de globalização uma história e um futuro*. Fernando Taveira (coord.). Viseu: Palimage, 2005, p. 171- 192.
- CAETANO, Marcello. *Monografias sobre os concelhos portugueses*. Lisboa: Universidade de Lisboa, Faculdade de Direito, 1935.
- CAPELA, José Viriato – “História municipal, história local e história nacional. Notas para um projecto de estudo”. In *Estudos de homenagem a Joaquim Veríssimo Serrão*. Lisboa: Edições Colibri, 1995, p. 721-729.
- COELHO, Maria Helena da Cruz, “Balanço sobre a história rural produzida em Portugal nas últimas décadas”. In a *Cidade e o Campo. Colectânea de Estudos*. Coimbra: Centro de História da Sociedade e da Cultura, 2000, p. 23-40,
- COELHO, P. M. Laranjo – *Monografias Locais na Literatura Histórica Portuguesa*. Lisboa: Academia das Ciências de Lisboa, 1935.
- COELHO, P. M. Laranjo – *Vantagens do estudo das monografias locais para o conhecimento da história geral portuguesa*. Coimbra: Imprensa da Universidade, 1926.
- ESTÊVÃO, João Nunes, “Reconstituição histórica de comunidades locais (séc. XVII-XX)”. In 2º Congresso Histórico de Guimarães, Actas, vol.7, Guimarães: Câmara Municipal, 1996, p. 470-571.
- FERNÁNDEZ PRIETO, L. – “Historia local, nacional e transnacional”. In *Maia. História Regional e local*. I. Actas do Congresso. Maia: Câmara Municipal da Maia, 1999.
- JOÃO, Maria Isabel – “Região, Nação e Historiografia Local: O caso dos Açores”. *Historiografia e memórias (Séculos XIX e XXI)*. Sérgio Campos Matos e Maria Isabel João (orgs.). Lisboa: Centro de História da FLUL/CEMRI da UAb, 2012.
- MACEDO, Jorge Borges de – “Unidade e diversidade de situação nas áreas regionais em Portugal. Consequências metodológicas”. *Primeiras Jornadas de História Regional e Local*. Lisboa: Colibri, 1993, p. 11-33.

- MARQUES, Oliveira A. H. de – *Ensaios de historiografia portuguesa*. Lisboa: Palas Editores Lda., 1988.
- MATOS, Álvaro e RASGA, Raul (coord.). *Primeiras jornadas de história local e regional*. Lisboa: Colibri, 1993.
- MATOS, Sérgio Campos – “História nacional e história local no Portugal oitocentista”. In *Turres Veteras III. Actas de História Contemporânea*. S.L: Câmara Municipal de Torres Vedras, [2001].
- MENDES, J. Amado – “História local e memórias: do Estado-Nação à globalização”. *Revista Portuguesa de História*. T. XXXIV, 2000, p. 349-368.
- NETO, Margarida Sobral - “Percurso da história local portuguesa”. In *Memória e História Local*. Colóquio Internacional realizado em Idanha-a-Nova, João Marinho dos Santos e António Silveira Catana (coord.). Coimbra: Palimage, 2010.
- OLIVEIRA, António – “Das história das pátrias à história local”. In *A Cidade e o Campo. Colectânea de Estudos*. Coimbra: Centro de História da Sociedade e da Cultura, 2000, p. 11-22.
- OLIVEIRA, António – “Problemática da história local” In *O Faial e a periferia açoriana nos séculos XV a XX*. Actas do colóquio realizado nas ilhas do Faial e Pico de 10 a 13 de Maio de 1993. Hora: Núcleo Cultural da Horta, 1995, p. 11-29.
- PEREIRA, António dos Santos – “Historiografia do interior beirão: notas do passado e projetos do presente”. In *Maia. História Regional e local*. II. Actas do Congresso. Maia: Câmara Municipal da Maia, 1999, p. 175-186.
- POINSARD, Léon - *O estudo dos agrupamentos sociais pelo methodo monographico segundo F. Le Play e H. de Tourville: noticia seguida do quadro de classificação dos factos sociais de H. de Tourville e dum ensaio de classificação das sociedades segundo Demolins*. Coimbra: Imprensa Academica, 1909.
- RAMÓN BARREIROS, Xosé – “Historiografía de la historia local gallega”. In *Perspectivas de historia local: Galicia y Portugal*. Joseba Agirreazkuenega, Mikel Urquijo (ed.). Bilbao: Servicio Editorial Universidad del Pais Vasco, 1996, p. 51-71.
- SILVA, Armando B. Malheiro da – “O Minho nas Monografias (sécs. XIX-XX). Notas para uma revisão sistemática dos estudos locais”. *Bracara Augusta*. Revista Cultural de

- Regionalismo e História da Câmara Municipal de Braga, n.º. 94-95, 1991/92, p. 27-96.
- SILVA, Augusto Santos – “Os lugares vistos de dentro: estudos e estudiosos locais do século XIX português”. *Revista Lusitana* (Nova série). 13-14, 1995, p. 69-95.
- SILVA, Manuel da - “Schema d’historia local”. *Revista de História* II, Lisboa, 1913, p. 182-183.
- TEIXEIRA, Manuel C. - “A História Urbana em Portugal. Desenvolvimentos recentes”. *Análise Social*, vol. XXVIII (121), 1993 (2º), p. 371-390.
- TENGARRINHA, José – “Historiografia dos estudos históricos locais”. In *Perspectivas de historia local: Galicia y Portugal*. Joseba Agirreazkuenaga, Mikel Urquijo (eds.). Bilbao: Universidad del País Vasco, 1996, p. 29-48.
- TORGAL, Luís Reis – “História... Que História? Algumas reflexões introdutórias à temática da história regional e local.” *Revista da História das Ideias*. Coimbra: Universidade de Coimbra, 1987.

Corografias, dicionários geográficos e guias

- ALMEIDA, Gabriel - *Diccionario historico-geographico dos Açores*. Ponta Delgada: Diário dos Açores, 1893.
- AZEVEDO, Francisco Cardoso de - *Novo dicionário corográfico de Portugal continental e insular: continuação da lista alfabética das freguesias do continente do reino e ilhas adjacentes*. Lisboa : Tipografia da Papelaria Palhares, 1902.
- BAPTISTA, Joaquim - *Memoria estadistica sobre o concelho de Lafões*. Lisboa: Typ. Rollandiana, 1823.
- CARDOSO, P.^{re} Luís - *Diccionario geografico, ou noticia historica de todas as cidades, villas, lugares, e aldeas, rios, ribeiras, e serras dos Reynos de Portugal, e Algarve, com todas as cousas raras, que nelles se encontraõ, assim antigas, como modernas*. Lisboa: na Regia Officina Sylviana e da Academia Real, 1747-1751.
- CASTILHO, Júlio de - *Lisboa Antiga*. Lisboa: Livr. de A. M. Pereira, 1879-1890
- COSTA, Américo - *Diccionario chorographico de Portugal Continental e Insular: hydrografico,*

historico, orographico, biographico, archeologico, heraldico, etymologico. Porto : Civilização, 1929-1949, 12 vols.)

GARRETT, Almeida - *Viagens na minha terra.* Lisboa: Typographia da Gazeta dos Tribunais, 1846.

JUROMENHA, Visconde de - *Cintra pinturesca, ou memoria descritiva da Villa de Cintra, Collares, e seus arredores.* Lisboa: Typ. da Soc. Propagadora dos Conhecimentos Uteis, 1838.

LEAL, Augusto Soares d'Azevedo Barbosa de Pinho - *Portugal antigo e moderno: dictionario geographico, estatistico, chorographico, heraldico, archeologico, historico, biographico e etymologico de todas as cidades, villas e freguezias de Portugal e de grande numero de aldeias.* Lisboa: Livr. Ed. de Mattos Moreira & Companhia, 1873-1890, 12 vols.

LOPES, João Baptista da Silva - *Corografia ou memoria economica, estadistica, e topografica do reino do Algarve.* Lisboa: Typ. da Academia, 1841.

MESQUITA, Alfredo (compilação e estudo) – *Lisboa. Coleção Portugal Pittoresco e Illustrado.* Lisboa: Emp. da História de Portugal, 1903.

PEREIRA, Esteves e RODRIGUES, Guilherme - *Portugal: dictionario historico, chorographico, heraldico, biographico, bibliographico, numismatico e artistico.* Lisboa: J. Romano Torres, 1904-15, 7 vols.

PIMENTEL, Alberto - *Guia do viajante na cidade do Porto e seus arrabaldes.* Porto: Livr. Central de J. E. da Costa Mesquita, 1877.

PIMENTEL, Alberto - *O Porto por fora e por dentro.* Porto: Ernesto Chardron, Eugénio Chardron, 1878.

PROENÇA, Raúl (dir.), apresent. e notas de Sant'Anna Dionísio - *Guia de Portugal.* Lisboa: Fund. Calouste Gulbenkian, imp. 1991-1996, 8 vols. (1ª ed., Biblioteca Nacional e Fund. Calouste Gulbenkian, imp. 1924-1970).

SECO, Henriques - *Memoria historico-chorographica dos diversos concelhos do districto administrativo de Coimbra.* Coimbra: Imp. da Universidade, 1853.

VIEIRA, José Augusto - *O Minho pittoresco.* Lisboa: Livr. de António Maria Pereira, 1886.

Anais, monografias e estudos

- ABREU, Adelino de - *Oliveira do Hospital: traços histórico-críticos*. Coimbra: Imprensa da Universidade, 1893 (prefácio de Oliveira Martins).
- AFREIXO, José Maria da Graça - *Memória histórico-económica do concelho de Serpa*. Coimbra: Casa Minerva, 1884
- ALVES, Francisco Manuel (Abade de Baçal). *Memórias arqueológico-históricas do distrito de Bragança*. Porto : Typ. da Emp. Guedes, 1909-1932 (11 vols.).
- BRAGA, Teófilo - *O povo português nos seus costumes, crenças e tradições*. 2ª ed., Lisboa: Dom Quixote, 1994 (1ª ed., 2 vols., 1885).
- BRITO, Raquel Soeiro de - *A ilha de S. Miguel. Estudo geográfico*. Lisboa, Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, 1955.
- CARDOSO, José Ribeiro - *Subsídios para a história regional da Beira Baixa*. Castelo Branco: Junta Provincial da Beira-Baixa, 1940.
- CAVACO, Carminda - *O Algarve oriental: as vilas, o campo e o mar*. Faro: Gabinete de Planeamento da Região do Algarve, 1976, 2 vols.
- CRUZ, Maria Alfreda - *A margem sul do estuário do Tejo: factores e formas de organização do espaço*. Lisboa: s. n., 1973.
- DIAS, Urbano de Mendonça - *A Assistência Pública no Distrito de Ponta Delgada: Estudo sobre as Casas de Beneficência das Ilhas de São Miguel e Santa Maria desde a sua Colonização*. Vila Franca do Campo: Emp. Tip. e Litográfica, 1940.
- DIAS, Urbano de Mendonça - *A História dos Açores*. San Miguel: Agência de Obras Literarias de António Silveiro de Medeiros, imp. 1924 (2 vols., 1928)
- DIAS, Urbano de Mendonça - *A Vida de Nossos Avós*. Vila Franca do Campo: Tip. de “A Crença”, 1944-1949, 9 vols.
- DIAS, Urbano de Mendonça - *A Vila: Publicação Histórica de Vila Franca do Campo*. Vila Franca do Campo: s.n., 1915-1927, 6 vols.
- DIAS, Urbano de Mendonça - *História da Instrução nos Açores*. Vila Franca do Campo [S. Miguel] : Emp. Tipográfica, 1928.

- DIAS, Urbano de Mendonça - *História das Igrejas, Conventos e Ermidas Micaelenses*. Vila Franca do Campo: Tip. “A Crença”, 1949, 3 vols.
- DIAS, Urbano de Mendonça - *Instituições Vinculares: os Morgados das Ilbas*. Vila Franca do Campo: Tip. de “A Crença”, 1941.
- DIAS, Urbano de Mendonça - *Ponta Delgada: Descrição de quando foi lugar e vila e da Cidade: esboço histórico*. Ponta Delgada: Ponta Delgada : Tip. “A Crença”, 1946.
- FERREIRA, António Brum - *A Ilba Graciosa*. Lisboa: Livros Horizonte, 1968.
- FORNELOS, Álvaro Maria de, *Memória histórica-económica do concelho de Mesão-Frio*. Coimbra: Imp. da Universidade, 1886.
- GASPAR, Jorge - “Os portos fluviais do Tejo”. *Finisterra*, vols. 5-6, Lisboa: Centro de Estudos Geográficos da Universidade de Lisboa, Instituto Nacional de Investigação Científica, 1970, p. 153-204.
- GUERRA, Luís de Figueiredo da. *Viana do Castelo: Esboço histórico*. Coimbra: Imp. da Universidade, 1878.
- LIMA, Marcelino. *Anais do município da Horta*. V. N. Famalicão: Oficinas Gráficas Minerva, 1943.
- LIMA, Marcelino. *Famílias faialenses: subsídios para a história da ilha do Faial*. Horta: Tip. Minerva Insulana, 1922.
- MEDEIROS, Carlos Alberto - *A Ilba do Corvo*. Lisboa: Livros Horizonte, 1967.
- PEREIRA, Gabriel - *Estudos Eborenses*. Évora: Minerva Eborensis, 1884-1894.
- PIMENTEL, Alberto - *Memoria sobre a historia e administração do Município de Setubal*. Lisboa: Typ. de G. A. Gutierrez da Silva, 1877.
- POINSARD, Léon. *Le Portugal inconnu*. I - *Paysans, marins et mineurs*. II - *L'industrie, le commerce et la vie publique*. Sep. Bulletin de la Soc. Int. de Science Sociale (67-68 e 74-75). Paris: Bureaux de la Science Sociale, 1910.
- POINSARD, Léon. *Portugal ignorado: estudo social, economico e político seguido de um appendice relativo aos ultimos acontecimentos*. Porto: Magalhães & Moniz 1912.
- SAMPAIO, Alberto - *As “villas” do norte de Portugal : estudo sobre as origens e estabelecimento da propriedade*. Sep. de “Portugalia: materiais para o estudo do povo português”, Tomo

I. Porto: Imprensa Moderna, 1903.

SILBERT, Albert - *Le Portugal méditerranéen à la fin de "Ancien Régime". XVIII^e – Début du XIX^e siècle. Contribution à l'histoire agraire comparée.* Paris: SEVPEN, 1966, 2 vols.

SILVA, Padre António de Macedo e, *Annaes do município de Sanct-Yago de Cassem desde remotas eras até ao anno de 1853.* Beja : Typ. Sousa Porto e Vaz, 1866.

SILVEIRA, João Augusto da - *Anais do Município das Lajes das Flores.* Lajes das Flores: Câmara Municipal, 1969.

VASCONCELOS, P.^o Ignacio da Piedade e - *Historia de Santarem edificada, que da noticia da sua fundação e das cousas mais notaveis nella sucedidas...* Lisboa: s.n., 1740, 2 tomos.

Coletâneas documentais

ARRUDA, Manuel Monteiro Velho - *Colecção de documentos relativos ao descobrimento e povoamento dos Açores.* Ponta Delgada (Açores): Instituto Cultural de Ponta Delgada, 1977.

CANTO, Ernesto do - *Arquivo dos Açores.* Reprodução fac similada da edição original, Ponta Delgada, Universidade dos Açores, 1980-1984, 15 vols. (1^o ed., fascículos, 1878-1892).

DOCUMENTOS E MEMÓRIAS PARA A HISTÓRIA DO PORTO. “Vereações”: anos de 1390-1395: o mais antigo dos livros de Vereações do Município do Porto existentes no seu arquivo. Coment. e notas A. de Magalhães Basto. Porto : Câmara Municipal, [1937].

FREITAS, Bernardino José de Senna - *Collecção de memorias e documentos para a historia do Algarve.* Faro: Typ. de F.S. da Paz Furtado, 1846.

FREITAS, Bernardino José de Senna - *Memoria Historica sobre o Intentado Descobrimto de uma Suposta Ilha ao Norte da Terceira nos anos de 1649 e 1770, com muitas notas illustrativas e documentos inéditos.* Lisboa: Imprensa Nacional, 1845.

OLIVEIRA, Eduardo Freire de - *Elementos para a história do município de Lisboa.* Lisboa: Tip. Universal, 1882-1943 (15 vol., 1882-1911).

PEREIRA, Gabriel - *Documentos historicos da cidade de Évora*. Évora: Typ. da Casa Pia, 1885-1891.



HISTORIOGRAFIA E RES PUBLICA

Em contacto com as suas congéneres europeias e muito marcada pela herança clássica e cristã, a historiografia portuguesa foi até meados do século XX um campo privilegiado de expressão de concepções organicistas, centradas na dicotomia progresso e outros pré-conceitos que têm permeado os discursos sobre a transformação social. Historiadores liberais e positivistas de diversos matizes contribuíram para acentuar estes enfoques. Foram-se entretanto afirmando visões críticas do evolucionismo, assinalando-se continuidades mas também rupturas, diferentes expressões de resistência ao positivismo, mediante um debate transdisciplinar que envolveu abertura a outras ciências humanas e múltiplas orientações teóricas: *Annales*, interpretações marxistas, estruturalismo, *linguistic-turn*.

Pretende-se nesta obra alargar o conhecimento acerca das historiografias e dos historiadores dos séculos XIX e XX - sem esquecer os seus antecedentes e tendências recentes como a história global - nas suas relações com o espaço público e a cidadania, problematizar a sua função social e cultural, tendo em atenção as relações transnacionais e os contextos em que produziram as suas obras. A partir de tópicos-chave, tecem-se balanços críticos sectoriais sobre a historiografia portuguesa, os modos de recepção de debates históricos internacionais, o lugar dos historiadores e a forma como nas suas escritas, da Revolução liberal à actualidade, se estruturaram olhares sobre Portugal na sua relação com outros povos. Em que medida presente e futuro condicionaram a construção social do passado? Qual o horizonte diferencial que os historiadores reconheceram ao passado? Como lidaram com a aceleração das experiências do tempo?

A colecção Historiographica dá a conhecer estudos sobre historiografias e historiadores, a construção de memórias sociais e individuais e usos instrumentais do passado - a sempre complexa relação entre presente, passado e futuro, nas suas relações contextuais com problemas sociais e políticos. Abrange múltiplos tempos e geografias e incentiva a aproximação entre diversas ciências sociais e humanas.



HISTORIOGRAPHICA
LISBON
HISTORICAL
STUDIES

Direcção de
Sérgio Campos Matos & Covadonga Valdaliso

HISTORIOGRAFIA E *RES PUBLICA*

Sérgio Campos Matos e Maria Isabel João (orgs.)

2017

**HISTORIOGRAFIA, CULTURA E POLÍTICA
NA ÉPOCA DO VISCONDE DE SANTARÉM**

Daniel Estudante Protásio (coord.)

2018

CH

CENTRO DE HISTÓRIA

CEMRI  UAb

CENTRO DE ESTUDOS DAS
MIGRAÇÕES E DAS
RELAÇÕES INTERCULTURAIS
UNIVERSIDADE ABERTA

 LISBOA | UNIVERSIDADE
DE LISBOA